

O TRAÇO UNÁRIO E SEUS CONTRATEMPOS

Sonia Coelho¹

Leio em Lacan: “é no *traço - unário* que tem origem, tudo o que interessa a nós analistas” (Seminário 17).

Em Freud, o denominado *traço - único* aparece como segunda forma de identificação - a regressiva, como o mais precoce vínculo afetivo com o outro, e constitui a relação mínima entre o eu e seu objeto. Conta através da ausência, do apagamento.

Lacan o denominou de *unário*, porque para ele essa identificação fundada em um *único traço*, tem menos uma função unificadora que uma função distintiva. O *traço - unário* é o significante não de uma presença, mas de uma ausência apagada.

Está antes do sujeito, e o dizer, “no começo era o verbo”, significa para Lacan, que no começo é o *traço - unário*. Refere que por esse “aparelho do traço unário” se constitui o sujeito, que é contado antes que se ponha a contar e que permite a unicidade no rodeio na repetição. Dedicou ao unário inúmeras referências, desde os Escritos, no texto da carta roubada, onde escreveu: “no campo do Outro domina a repetição, sobre a espécie do 1, traço unário, que representa os tempos marcados do simbólico como tal”. No Seminário 24, lição 1, que trata das Identificações, diz “o homem gira em redondo, que a estrutura humana é bórica, porque o sistema do mundo é esferoidal, e o vivente se considera ele mesmo como uma bola, mas com o tempo, se dá conta de que na verdade é uma borbulha”

Do Seminário 9 destaque: “A função do *traço - unário* é garantir a repetição de um significante. Essa repetição faz ressurgir o número que funda esse significante, que está recalcado, isto é, o número perdido da experiência tal a saber alguma coisa que na origem se passou e que é o sistema do trauma, algo que uma vez se produziu e desde então tomou forma A na repetição”. Lacan lembra os acessos histéricos onde o número está perdido para o sujeito. A repetição está enraizada no *unário* primitivo de uma de

¹ Psicanalista. E-Mail: sc.recife@hotmail.com.

suas voltas. E ainda: “ligando-se à repetição inaugural, visa o gozo, e o gozo sendo marcante é homologado por *sansão* do *unário* e da repetição. O que é procurado pelo sujeito nesses retornos, é a *unicidade* do significante”.

Mas, se repetição se funda em um retorno do gozo, Lacan adverte: “repetição não quer dizer que a gente terminou, e recomeça como a digestão ou outra qualquer função fisiológica. A repetição é a denotação precisa de um traço que extraí do texto de Freud, um traço na medida em que comemora a repetição do gozo. O sujeito só inventa o significante a partir de alguma coisa que já estava lá para ser lida”.

Escuto de um analisante me diz: “Dra. aquele sintoma reapareceu. O que acontece comigo?”

Lacan explica:

“o aspecto significativo do sintoma é o fato de ele ser um acontecimento involuntário, desprovido de sentido e pronto para se repetir, e o gozo é a força que assegura a repetição e a sucessão dos acontecimentos vitais... Na ocorrência de um sintoma, o traço *unário* destaca-se como detalhe invariável, a saber: mesmo em circunstâncias diferentes marcando momentos de sofrimento. Como traço, marca instantes repetidos.”

Na lição 13 do Seminário 9 anoto observações de Lacan com referência ao neurótico obsessivo “o neurótico se entrega a uma curiosa re-transformação daquilo de que ele sofre o efeito. O neurótico, em suma, é um inocente: ele quer saber e para saber, ele parte na direção mais natural, e é naturalmente por isso mesmo que ele é logrado. Quer re-transformar o significante naquilo de que ele é o signo, ele não sabe que é enquanto sujeito que ele fomentou isso: o advento do significante enquanto o significante é o apagador principal da “*coisa* “; que é ele, o sujeito que, ao apagar todos os “*traços da coisa*”, faz o significante. Ele quer apagar esse apagamento, quer fazer com que isso não tenha acontecido. Aquilo sobre o qual ele volta sempre, sem jamais poder abolir seu efeito. O esforço para o abolir só faz reforçá-lo.”

Como resolver esse impasse? Se a questão é a identificação em função ou contra o desejo do Outro, há uma situação de conflito. A análise, pode então levar a ver, que ser objeto do desejo do Outro, só é suportável, quando se pode nomear esse desejo, dar-lhe feições em função do próprio desejo.

Outra escuta:

- “sinto-me fracassado em minhas escolhas sexuais e observo que em tudo se parecem. Elas são como *farinha do mesmo saco*. Têm os mesmos traços...”

- Que traços?

- “É a voz que me atrai. Todas têm a mesma maneira, o tom de falar... Vou procurar uma muda... pra ser diferente e ver se dá certo “...”

Freud já havia anotado: “amamos aqueles que carregam o traço do objeto anteriormente amado. Todos os seres que amamos se assemelham por um traço”.

Evidentemente, esse meu analisante nem desconfia que ele seja esse traço, essa voz que reencontra nas suas namoradas. Lacan explica que no inconsciente existimos como uma marca que nos singulariza, e da qual, no entanto, estamos despojados.

O que se opera da identificação numa análise?

Em *O Amor ao avesso*, de Gerard Pommier, encontro respostas:

“Na vida cotidiana as identificações possíveis formigam e podem mudar segundo as horas do dia. Um homem pode durante a manhã ser o empregado modelo, um tirano administrativo depois do meio dia diante de um devedor, amante apaixonado de 5 às 7 da tarde, pai de família rabugento de 8 as 9 e marido sonolento após esta hora”.

Entretanto, a travessia que interessa ao psicanalista, se refere **às** identificações alienantes, **às** vezes tenazes. A tarefa de descolagens, trabalho do analisante deve preparar o terreno para uma mudança de lugar. Observa-se que essa “queda”, tem efeito preciso e limitado e nem sempre anula um sintoma, mas pode devolver a fluidez à identificação de que procede. Essa identificação não desaparece e somente a superposição se desfaz. É a fixação do sintoma que se libera. Para Lacan, o que acontece com as identificações no fim de uma análise é identificação ao Outro portador dos significantes. Isto seria identificar-se tomando suas garantias de uma espécie de distância ao sintoma (syntome?)

Em Juan David Nasio, *Cinco Lições de Psicanálise*, leio:

“o outro amado é a imagem que amamos em nós mesmos, é um corpo que prolonga o nosso traço repetitivo, com o qual nos identificamos. Entretanto, em nenhum traço, se revela a essência do outro amado. Não sabemos quem é o outro eleito. E o objeto “a “aparece no lugar de uma não resposta. O outro eleito é a parte fantasística e gozosa do nosso corpo que nos prolonga e nos escapa”.

De Isidoro Vegh, em *O Próximo*, anoto:

“No encontro com o outro, seus personagens são múltiplos o que implica a possibilidade ou impossibilidade de direcionar o gozo dentro ou fora do laço social, e não há quem possa se sustentar sem esses fios que nos enlaçam e nos sustentam acima do abismo”.

Esses fios na minha leitura se traduzem como os laços entre os diferentes nós, mostrados com a Topologia, em referência à nossa estrutura mental.

Os tempos e contratempos do Traço - Unário

Vimos que na ocorrência de um sintoma, o traço unário destaca-se como detalhe invariável. É referido a um **tempo - o segundo** da identificação. Está antes do sujeito. É o significante de uma ausência apagada. Mas as identificações podem mudar segundo momentos diversos das relações do sujeito.

Mas, como falar de tempo se o inconsciente é atemporal?

A atemporalidade está sempre presente, o passado nos acompanha . Numa análise o tempo retorna de outra forma na história do sujeito. Allain Didier Weill em *Os três tempos da lei*, escreveu: “embora o inconsciente não conheça o tempo, não significa que ele o renega, mas que existe um sujeito do inconsciente que, não sendo como o eu, exclusivamente determinado pela história, pode retornar a esse ponto do tempo anterior ao tempo histórico, parar de repetir e recomeçar de outra forma, criar um objeto novo.”

A clínica nos ensina que o desejo humano está ligado à percepção do tempo que incide na estruturação dos sintomas. A demanda da análise encontra na depressão lugar de destaque. Se o tempo na depressão é lento, na melancolia observa-se a experiência extrema de sua extinção.

Lacan, no **Seminário** *O desejo e sua interpretação* (aula de 15/04/59) também observou:

“a relação do sujeito com o tempo na neurose é a base das relações do sujeito com seu objeto no nível da fantasia. No obsessivo, o objeto está sempre uma hora antes ou depois ele sempre antecipa tarde demais. Na histeria, repete o que há de inicial em seu trauma, um certo cedo demais, uma imaturidade fundamental”.

O Tempo Espacializado e o Tempo Lógico

- A noção comum do tempo é a do tempo espacializado, linear, cíclico, contínuo, que porta apenas uma dimensão: a duração. Freud usou essa noção quando escreveu sobre os processos do sistema inconsciente – atemporais. Depois com a teoria do “só depois” reformulou esse enunciado.
- O que é o Tempo Lógico?

Invenção de Lacan, cuja fonte de sua inspiração é desconhecida.

O *Tempo Lógico*, aparece pela primeira vez num artigo publicado em 1945 numa revista de Arte, mas só chegou ao acesso de nossa leitura em 1966 com a publicação dos Escritos. É constituído de três momentos: tempo de ver, instante de compreender e momento de concluir. Lacan apresentou ali, a história dos três prisioneiros, convidados pelo diretor de um presídio a decifrar uma adivinhação, prometendo liberdade a quem primeiro acertasse a resposta sobre a cor preta ou branca das cartelas que foram colocadas nas costas de cada um. Duas pretas e três brancas. O desafio que se coloca é que cada prisioneiro poderia ver a cartela nas costas de seus companheiros, mas não a sua própria. Logo se observa que esse problema só pode ser pensado, não pode ser realizado materialmente. É um paradoxo, um sofisma. Se num primeiro momento, os três concluíram que tinham a cartela branca, a partir dos movimentos de cada um, num outro instante, a dúvida invadiu os três, que pararam, e refizeram o raciocínio, mas chegaram à mesma conclusão. Na verdade, a prisão que essa adivinhação sublinha para a psicanálise, é a das malhas da linguagem, na qual nos prendemos. O Tempo Lógico é “um paradoxo que funda o sujeito do inconsciente na dimensão de um sujeito coletivo, constituído pelo desejo de uma liberdade singular.”

Tratando-se de um sofisma implica em um exercício de raciocínio falso, e para ser resolvido requer uma mudança de ponto de vista, antecedidos por tempos de erro, e integrados ao raciocínio, necessário ao seu progresso e conclusão.

Lacan disse que o tempo para compreender pode se reduzir ao instante do olhar, e nesse instante, incluir todo o tempo que é preciso para compreender. Para entender o que é o tempo lógico há que partir do seguinte: a bateria significativa está dada desde o começo e sobre esta base opera a repetição (Seminário 11, aula 3).

As questões do tempo ocuparam Lacan desde 1936, com as reflexões sobre a estrutura mental.

O texto *A Carta Roubada (Escritos)* parece nos ajudar a clarear esse conceito, visto que ali há três olhares, encenados por personagens diferentes. O primeiro olhar nada vê (o rei e a polícia), o segundo vê que o primeiro nada vê e se engana por ver oculto aquilo que ele esconde (a rainha e o ministro), o terceiro personagem, vê o que foi deixado, o que se devia esconder, e que está descoberto para quem quiser se apoderar (o ministro e Dupin). Essa carta, cujo conteúdo é apenas suposto nos mostra, “o estado de cegueira em que o homem está face a face às letras da muralha da linguagem, que ditam seu destino”. Em 1974, no Seminário *Os nomes do pai*, Lacan volta ao assunto do tempo lógico e diz: “são necessários três tempos para compreender”, e no Discurso de *Roma*, (1953) critica Freud no caso do Homem dos Lobos, por ter fixado a data do término daquela análise, o que “anulou o tempo para compreender em favor do momento de concluir”. Para Lacan essa antecipação do tempo deixou aquele analisante na alienação de sua verdade, o que vai se refletir numa dificuldade pra integrar a lembrança da cena primitiva à sua história, como ainda provocaria mais tarde sua etapa paranoide, descrita por R. Brunwisch.

O que tudo isto tem a ver com nosso estudo da identificação?

Lacan diz que em toda identificação há o que chamou de instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Trata-se de uma lógica do ato, determinada pelos tempos. É o equivalente da repetição por si mesma. É essa repetição num só traço. O sujeito no ato é equivalente ao significante. Aprendemos que o significante se repete, e que, na repetição do mesmo, há uma diferença: a da repetição. Essa diferença do mesmo é o que advém no tempo lógico, quando o raciocínio se repete, no momento do tempo para compreender. No Sem *Mais ainda* disse que a função do olhar no tempo lógico pode ser referida ao objeto ‘a’ como tal.

O Tempo Lógico na prática clínica.

Observa-se que o manejo do tempo das sessões tem importância fundamental, e Lacan salienta com a clínica do corte que os ponteiros do relógio, não podem determinar o tempo das sessões, pois poderá faltar espaço para o imprevisto do inconsciente. No processo de análise o Tempo Lógico parece precisar de nossa atenção, visto a experiência negativa apontada em Freud com o Homem dos Lobos.

Aponta, ponteiro é questão de beleza somente...